

#Vemprarua: a Linguagem na Medida Certa para Mobilização Social¹

Josevana de Lucena Rodrigues²

Maria Sandra Campos³

Universidade Federal do Amazonas, Amazonas, AM

RESUMO

O presente artigo tem como objetivo apresentar a utilização das linguagens no contexto da mobilização social via internet para manifestações que ocorreram em todo o Brasil em junho de 2013. Assim, a partir do conceito de texto, proposto por Costa Val (2006), utilizando-se dos teóricos Bazerman (2011) e Marcuschi (2010) na área de gêneros textuais, analisamos a comunicação realizada nas redes sociais virtuais para fins de mobilização social, conforme conceitos e descrições de Castells (2012). Para tanto, utilizou-se como *corpus* de pesquisa os registros inseridos no mecanismo “linha do tempo” do Movimento Passe Livre São Paulo, no site Facebook, de 03 a 20 de junho de 2013. Pelos estudos realizados, verificou-se a importância da coerência nos textos produzidos, durante o processo de mobilização social, bem como a importância da utilização do gênero textual *weblog*.

PALAVRAS-CHAVE: Comunicação; Linguagem; Redes sociais na Internet. Mobilização social.

¹Trabalho apresentado no GP Cibercultura, XIII Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do XXXVI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

²Mestranda do Programa de Pós-graduação em Ciências da Comunicação (PPGCCOM) pela Universidade Federal do Amazonas (UFAM).

³Doutora em Letras pela Universidade Federal Fluminense (UFF), docente do Programa de Pós-graduação em Ciências da Comunicação (PPGCCOM) da Universidade Federal do Amazonas (UFAM)

Introdução

Sobre mudança social, Bakhtin (2006, p. 40) colabora em seus estudos ao afirmar que em processos de transformação social, a palavra será sempre um dos indicadores mais sensíveis destes processos, “mesmo daqueles que apenas despontam, que ainda não tomaram forma, que ainda não abriram caminho para sistemas ideológicos estruturados e bem formados”.

Nos últimos anos, o surgimento da chamada web 2.0, traz uma interação que por vezes tem demonstrado o outro lado da notícia. Aqueles fatos que não são veiculados, por diversas razões, aparecem em diferentes mídias sociais, primeiro, para depois serem reexaminados e rerepresentados pelos meios de comunicação de massa.

No Brasil, em junho de 2013, assistiu-se a um fenômeno em que as pessoas, a partir da organização pela internet, foram às ruas manifestar sua insatisfação sobre muitos problemas sociais, que durante algum tempo haviam sido alvos de duras críticas e debates veementes nas redes sociais virtuais: o Governo, a Economia, a Educação, o preço do transporte público. Este último foi o estopim para a primeira manifestação, ocorrida em São Paulo, que em menos de uma semana se espalhou por mais de 150 (cento e cinquenta) cidades brasileiras.

Assim, pretendemos neste artigo aprofundar as discussões acerca dos meios que facilitaram essa propagação, não os meios tecnológicos, espaço das ciências computacionais, mas, dos meios textuais. Estes organizados por gêneros textuais, tidos por Marcuschi (2008, p. 161) como “atividades discursivas socialmente estabilizadas que se prestam aos mais variados tipos de controle social e até mesmo ao exercício do poder”.

Para tanto, utilizaremos como *corpus* de pesquisa os registros inseridos no mecanismo “linha do tempo” do Movimento Passe Livre São Paulo, no site Facebook, de 03 a 20 de junho de 2013.

1 Texto e textualidade

Antes de adentrarmos no estudo dos gêneros textuais, devemos esclarecer a noção de texto, presente no ambiente virtual, tendo em vista que as novas tecnologias de comunicação e informação proporcionam hoje “espaços conversacionais” (RECUERO, 2011, p. 16) que irão se utilizar da escrita para se comunicarem.

Assim, desenvolve-se uma necessidade de se compreender os inúmeros textos ou discursos que circulam na rede. Entendemos texto ou discurso como “ocorrência linguística

falada ou escrita, de qualquer extensão, dotada de unidade sociocomunicativa, semântica e formal” (COSTA VAL, 2006).

Verifica-se então que o texto estará presente sempre em um ato comunicativo, coberto de sentido, tanto por quem o produz, quanto para quem o recebe. Esse sentido emanado para o texto pode ser verificado através de sete critérios ou princípios, conforme Beaugrand & Dressler (1981), citados em Koch (2009, p. 35).

Os primeiros dois critérios focam o próprio texto e são chamados coesão, definida como “a forma como os elementos linguísticos presentes na superfície textual se interligam (...) formando um “tecido”(tessitura)” e coerência, que diz respeito “ao modo como os elementos subjacentes a superfície textual entram numa configuração veiculadora de sentidos”. (KOCH, 2009, p. 40).

Ademais os autores citam cinco fatores centrados no usuário do texto/discurso, sendo: situacionalidade, informatividade, intertextualidade, intencionalidade e aceitabilidade. Deste modo, utilizaremos estes conceitos para melhor compreender os atos comunicativos presentes na mobilização social ocorrida pela internet.

Entretanto, como o texto também terá sua unidade formal, apresentamos breve estudo, a fim de situarmos a tipologia de textos presentes na web, através dos gêneros textuais.

2 Gêneros Textuais Emergentes

Bakhtin, em sua obra *Estética da Criação verbal*, conceitua os gêneros textuais como “formas-padrão e relativamente estáveis de estruturação de um todo” (1953, p. 179). Para Koch (2009, p. 161) essas tais formas-padrão que constituem os gêneros, ou seja, “sequências relativamente estáveis de enunciados”. Bakhtin (1953) irá distinguir os gêneros primários dos secundários. Enquanto os primeiros (diálogo, carta, situações de interação face a face) são relacionados a esferas sociais cotidianas de relação humana, os segundos são relacionados a outras esferas, mais complexas, de interação social, vinculadas as questões literárias e que absorvem os gêneros primários. Entretanto, o autor irá reconhecer nos gêneros seu caráter mutável, pois irá decorrer não apenas de transformações sociais, mas também das novas tecnologias.

Koch (2009, p. 162) aproxima dois novos conceitos importantes para o estudo dos gêneros textuais, tendo em vista que a ideia de gênero não está circunscrita à estrutura do texto. Portanto, seriam utilizadas as noções de modelos cognitivos textuais de Van Dijk (1994, 1997) e a de tipos de atividades de Levinson (1979).

Ainda segundo a autora, os modelos cognitivos textuais (ou de contexto) serão relacionados à interação comunicativa e ao contexto social, de modo que principalmente na fala, esses modelos são “dinâmicos, permanentemente atualizados com informação e *feedback* novos”. Serão modelos sociocognitivamente construídos, a partir da vivência em sociedade (KOCH, 2009, p. 162).

Na mesma linha de raciocínio, Levinson (1979 *apud* KOCH, 2009) partirá da noção de jogos de linguagem de Wittgenstein para conceituar “tipos de atividade”, que serão vinculados a eventos, socialmente constituídos que irão estabelecer limites de participação e principalmente, quanto aos tipos de contribuição.

Nesse contexto, os gêneros textuais serão vistos como “arcabouços cognitivo-discursivos ou enquadres enunciativos determinados pelas necessidades temáticas das diversas práticas sociais, pelo conjunto dos participantes de tais práticas, de suas relações sociais e de seus propósitos enunciativos” (KOCH, 2009, p. 163-164)

Assim, será necessário analisar além da prática, os sujeitos envolvidos no processo e suas relações sociais. Bazerman (2011, p. 46) oferece algumas diretrizes metodológicas para a definição e investigação sobre gênero, das quais destacamos o fato da definição do *corpus* de pesquisa, assim pretendemos analisar os textos gerados no espaço de da “linha do tempo” disposta no site Facebook do Movimento Passe Livre São Paulo.

Marcuschi (2010) ressalta que grande parte do sucesso na utilização das novas tecnologias de comunicação acontece em virtude de agregar diferentes formas de expressão, tais como texto, som e imagem, o que interfere na natureza dos recursos linguísticos utilizados.

Assim, o autor verá o gênero como um “texto situado histórica e socialmente, culturalmente sensível, recorrente, “relativamente estável” do ponto de vista estilístico e composicional, segundo a visão bakhtiniana (BAKHTIN, 1979) e como forma de ação social (MILLER, 1984).” (MARCUSCHI, 2010, p. 20)

Com base em Yates (2008, p. 233), Marcuschi (2010) afirma haver um retorno à utilização cada vez mais crescente de textos escritos como base da conversação. Esse novo ambiente influenciará os gêneros textuais, os quais serão frutos de complexas relações entre um meio, um uso e a linguagem. Tendo em vista que o meio virtual terá peculiaridades próprias que deveremos descrever mais a frente.

Para tanto, baseado em Patrícia Wallace (2001, p. 19-30), Marcuschi (2010, p. 31) identifica os seguintes ambientes virtuais: Ambiente *web* (*world wide web*), Ambiente e-

mail (correio eletrônico), Foros de discussão assíncronos, Ambiente chat síncrono, Ambiente *mud*, Ambientes de áudio e vídeo (videoconferências).

Esses ambientes nascem a partir da apropriação das novas tecnologias comunicacionais. Destacamos assim o ambiente Fórum de Discussão Assíncrono, no qual, consideramos incluídos os sites de redes sociais na web, por obedecerem à definição de Marcuschi, à medida que visualizamos pelo menos cinco diferentes gêneros textuais emergentes presentes nesse ambiente, os quais podemos relacionar, segundo o autor (MARCUSCHI, 2010, p. 33-34):

- (1) *e-mail* – correio eletrônico – surgido em 1972/3 nos EUA, ainda no nascimento da Internet;
- (2) *chat* em aberto (bate-papo virtual em aberto – *room-chat*) – caracterizado por inúmeras pessoas interagindo, em relação síncrona e no mesmo ambiente – surgida em 1988, com o IRC, na Finlândia;
- (3) *chat* reservado (bate-papo virtual reservado) – variante do chat em aberto, contudo restrito a dois interlocutores*, ainda que possam continuar visualizando os outros participantes;
- (4) videoconferência interativa – realizada por computador e similar a uma interação face a face; uso da voz pela rede de telefonia ou a cabo;
- (5) lista de discussão (*mailing list*) – grupo de pessoas com interesses específicos, que se comunicam em geral de forma assíncrona, mediada por um responsável que organiza as mensagens e eventualmente faz triagens;
- (6) *weblog* (*blogs*, diários virtuais) – são diários pessoais na rede; característicos como uma escrita autobiográfica com observações diárias ou não, agendas, anotações.

Ainda no mesmo livro, Marcuschi (2010) nos alerta da natureza vertiginosa dos avanços tecnológicos, que levam ao risco de invalidar muito rapidamente qualquer tipologia dos gêneros textuais, motivo pelo qual deveremos estudar melhor no próximo capítulo a caracterização das redes sociais virtuais e os usos dos gêneros textuais nesses ambientes. Análise empírica nos faz crer que alguns dos gêneros ora apresentados terão usos diferenciados, em virtude dos novos desenhos dos softwares utilizados.

3 Redes Sociais Virtuais e o Facebook

Santaella (2010, p. 169) apresenta a cibercultura ou cultura digital como um novo paradigma de formação sociocultural. Ainda que isso não leve ao desaparecimento das formações culturais anteriores (oralidade, era gutenberguiana, cultura massiva, cultura de mídias), leva a um reajustamento (complexificação, imbricação de diferentes lógicas comunicacionais em um mesmo espaço social).

Com o avanço das mídias móveis, tecnologias de localização, e equipamentos sem fio o mundo virtual misturasse cada vez mais ao mundo físico. Aprofundando-se no tema, Recuero (2009, p. 24), assim conceitua rede social:

Uma rede social é definida como um conjunto de dois elementos: *atores* (pessoas, instituições ou grupos; os nós da rede) e suas *conexões* (interações ou laços sociais) (Wasserman e Faust, 1994; Degenne e Forse, 1999). Uma rede, assim, é uma metáfora para observar os padrões de conexão de um grupo social, a partir das conexões estabelecidas entre os diversos atores.

Assim, as redes sociais são conjuntos integrados de pessoas, realizando trocas sociais por meio de relacionamentos. Para realização dessa troca é necessário que utilizem as diferentes tecnologias de comunicação e que para isso se apropriem dos gêneros textuais e discursivos disponíveis, a partir do conhecimento de mundo que já tem experimentado.

Nesse contexto, as pessoas se inserirão em ambiente *web*, como forma de inscrição social em tais redes, motivo pelo qual vemos a emergência quase que rotineira de inúmeros sites que promovem esta integração, tais como Orkut, MySpace, Facebook, Twitter, LinkedIn entre outros.

Santaella (2010) ressalta a importância de se separar rede social de rede social na *web*, porque esta segunda tem características mais restritas, ou seja, você pode ter um número *x* de pessoas em sua rede social de contatos no ambiente *web* que não corresponda em qualidade às diferentes redes sociais às quais as pessoas se vinculam diariamente.

Um dos mais promissores sites de redes sociais é o Facebook, em pesquisa empreendida no site Google Trends, podemos visualizar seu crescimento mundial desde o ano de 2009, com abrupto aumento em 2013, em contrapartida aos demais sites de redes sociais. Assim, deveremos melhor compreender o funcionamento do site Facebook.

4 O Facebook e os Gêneros Textuais Emergentes

O site Facebook, criado em 4 de fevereiro de 2004, por Mark Zuckerberg, Dustin Moskovitz e Chris Hughes, alunos da Universidade de Harvard, justamente para auxiliar na socialização de alunos de nível secundário, recém chegados à universidade. Expandiu-se enormemente, principalmente entre os países da América Latina, sendo hoje no Brasil uma das principais plataformas de acesso a redes sociais virtuais.

Algumas características e ferramentas o diferenciam dos demais sites de redes sociais, das quais podemos citar três:

- (1) Grupos - Como outros sites, ele mantém seu funcionamento a partir da criação de perfis que podem instituir grupos, que por sua vez, podem ser abertos ou fechados (restritos),

havendo necessidade de aprovação para participação. Nesses grupos, intitulados sobre temas específicos, bastante semelhantes às listas de discussão, citadas por Marcuschi (2010), a interatividade é possível também por meio da disponibilização de arquivos digitais em formato PDF;

- (2) Eventos – além dos grupos e páginas, os perfis podem criar eventos, os quais, os convidados podem convidar mais pessoas e estas convidarem mais pessoas, assim sucessivamente. Neste espaço, como em qualquer outro do site também é possível a inserção (postagem) de mensagens, que poderão ser respondidas na hora (de forma síncrona) ou depois (assíncronas). Este foi um dos principais meios utilizados para as manifestações que aconteceram em todo Brasil pela melhoria de vários aspectos do País;
- (3) Linha do tempo – histórico pessoal do usuário, de acordo com restrições e possibilidades do site, pode-se registrar os atos relacionados ao site, tais como o compartilhamento de fotos, comentários produzidos, mensagens na linha do tempo de outros amigos, as opções “Curtir” e “Compartilhar” também são registradas com data e hora;

Cada uma das ferramentas apresentadas estará vinculada a uma ou mais de uma noção de gênero textual emergente e que são hoje utilizadas por pessoas das mais variadas camadas sociais, sexo ou idade. Para os mais diversos fins, desde a diversão, a socializar, comércio ou informação.

Assim, com base nas definições de Marcuschi (2010) traçamos nossa hipótese de relação entre os gêneros textuais emergentes utilizados, conforme suas práticas sociais, seus fins de comunicação e as ferramentas sugeridas pelo site Facebook:

	Ferramentas do Site	Fim de Comunicação	Prática Social	Gêneros Textuais
1	Aplicativos	Nenhum no caso dos jogos e de informação de preferências no caso dos aplicativos que demonstram preferências dos usuários	Lazer	Nenhum
2	Mensagens	Sim, entre os pares	Lazer Comunicação Informação	Chat reservado
3	Grupos	Sim, entre os pares ou novos usuários	Informação Comunicação Lazer	Lista de Discussão Weblog

			Cultura	
4	Página	Sim, fins de marketing	Comunicação Comércio Lazer (quando criadas por fãs de Banda) Cidadania (quando direcionada a causas sociais)	Lista de Discussão Chat aberto Chat reservado Weblog
5	Eventos	Sim, fins de organização e convite	Comunicação Comércio Lazer Cidadania	Lista de Discussão
6	Linha do Tempo (<i>Timeline</i>)	Sim, narrativo	Comunicação Informação	Chat em aberto Weblog
7	<i>Feed</i> de Notícias	Sim, narrativo	Comunicação Informação	Chat em aberto Weblog

Quadro 1 – Gêneros Textuais conforme Ferramenta do Facebook

É importante ressaltar que nosso trabalho se utiliza apenas de conceitos teóricos e dados empíricos para a definição dos termos acima elencados, necessitando de pesquisa mais aprofundada sobre o tema, tendo em vista a novidade do mesmo e a pouca pesquisa na área de gêneros textuais emergentes vinculados às redes sociais na web. Até mesmo porque não podemos definir ainda as atividades vinculadas ao site de redes sociais como atividades socialmente estabilizadas. Pois, a utilização praticamente massiva de suas ferramentas, só se amplia a partir de 2009.

5 Movimentos Sociais na Era da Internet

O sociólogo Manuel Castells (2012) como estudioso das redes sociais em ambiente físico postula o inevitável hibridismo dos espaços de manifestação social também no ambiente virtual. Castells (2012, p. 20) vê nas redes sociais da Internet (Web) espaços de autonomia, por estarem, em grande medida, fora do controle dos governos e corporações que ao longo da história tem monopolizado os canais de comunicação, que servem como base fundadora do poder.

O sociólogo apresenta os movimentos sociais iniciados ou expandidos pelo uso da Internet como: (1) ignorando os partidos políticos; (2) desconfiando dos meios de comunicação; (3) não reconhecendo nenhuma liderança e rechaçando qualquer forma de organização formal, instituindo decisões por meio de assembléias locais. (CASTELLS, 2012, p.21)

Altamente dependentes da Internet, esses movimentos não são determinados apenas por ela, saindo do espaço virtual para ocupação dos espaços urbanos, em uma tentativa de retomada de seus espaços políticos, uma vez que sua representatividade política não lhes parece legítima.

Castells (2012, p. 22) ressalta que “as relações de poder constituem o fundamento da sociedade porque os que ostentam o poder constroem as instituições da sociedade segundo seus valores e interesses.” Havendo assim duas formas de constituição desse poder: mediante a coação (o monopólio da violência pelo Estado, legítima ou não) e pela construção de significados nas mentes, através de mecanismo de manipulação simbólica. (CASTELLS, 2012, p. 22)

Será então através da comunicação que esse significado será compartilhado. Tendo em vista a definição do autor para comunicar, ou seja, compartilhar significados mediante a troca de informação. De modo que para a sociedade (em sentido amplo), a principal fonte de produção social de significado será o processo de comunicação socializada, que será vista como aquele existente além da comunicação interpessoal (CASTELLS, 2012, p. 23).

Característica comum em todos os processos de construção simbólica de significado é a dependência em grande medida de mensagens e de marcos criados, formatados e difundidos nas redes de comunicação multimídia. Para isso, Castells (2012) utiliza-se do conceito de autocomunicação de massa, o qual esclarece:

É comunicação de massa porque processa mensagens de muitos para muitos e potencialmente pode chegar a numerosos receptores e conectar-se a incontáveis redes que transmitem informação digitalizada em um bairro ou por todo o mundo. É autocomunicação porque o emissor decide a mensagem de forma autônoma, designa os possíveis receptores e seleciona as mensagens das redes de comunicação que deseja recuperar. A autocomunicação de massas se embasa em redes horizontais de comunicação interativa que, em grande medida, os governos e instituições tem dificuldade de controlar (...) A autocomunicação de massas proporciona plataforma tecnológica para a construção da autonomia do ator social, seja individual ou coletivo, frente as instituições da sociedade.(p. 24)

Podemos verificar que historicamente os movimentos sociais sempre dependeram da existência de gêneros textuais específicos como sermões, panfletos, manifestos, naqueles impressos no jornal. O que acontece agora é que na atualidade, “a comunicação multimodal com redes digitais de comunicação horizontal é o meio mais rápido, autônomo, interativo, reprogramável e autopropagável da história”. (CASTELLS, 2012, p. 32). Motivo que nos leva a crer que os gêneros textuais da atualidade assumirão estas características de rapidez,

fluidez, interatividade, redesenho e autopropagação. É o que vimos a partir da observação empírica do Facebook.

6 Análise do Histórico de Produções Textuais presentes no Facebook para as Manifestações no Brasil

Em grande medida, as manifestações que acontecem no Brasil são motivadas pelos mesmos fatores citados por Castells (2012) em seu livro *Redes de Indignação e Esperança*. Estas redes são grupos de pessoas, em sua maioria, jovens de nível universitário, que aparentemente não estão vinculados a nenhum partido político e que em algum momento da história se sentiram injustiçados e humilhados pelo sistema político presente no país.

No Brasil, o estopim para a movimentação foi o aumento da tarifa dos ônibus para R\$ 3,20, na cidade de São Paulo, esse aumento foi anunciado ainda em janeiro de 2013, tendo sido colocado em prática no início de junho do mesmo ano. Assim, somada a elevação da tarifa à insatisfação generalizada das condições dos serviços de transporte público, milhares de jovens foram às ruas.

Entretanto, o movimento não partia de entidades estudantis nem partidos políticos e foi se avolumando contra outras questões como a corrupção, a melhoria dos investimentos em educação e saúde, a PEC 37 (proposta de emenda constitucional que diminui os poderes de investigação do Ministério Público), de modo que o primeiro ato com grande adesão aconteceu e foi violentamente contido pela Polícia Militar de São Paulo, o que gerou imagens de violência espalhadas rapidamente e de forma viral por vários sites nacionais.

Essa violência serviu como imagem de uma luta de meros cidadãos contra os detentores do poder, servindo de combustível para uma série de manifestações paralelas em diversas cidades do país. Uma das notas divulgadas no site demonstrava que em 20 de junho de 2013, as manifestações estavam sendo organizadas em aproximadamente 150 cidades brasileiras e 27 cidades em outros países. Em sua grande maioria, capitais cuja motivação manifesta dos cidadãos era a resolução dos mesmos problemas de mobilidade urbana, corrupção e falta de investimentos em educação e saúde.

O Movimento Passe Livre está presente em diferentes capitais brasileiras, mas chamou nossa atenção o grau de organização na cidade de São Paulo, bem como as respostas rápidas criadas pelo Movimento durante os acontecimentos de 03 a 20 de junho de 2013. Durante esse período foram publicadas no Facebook cerca de dez notas de esclarecimento do grupo.

Importante notar que a observação da linha do tempo, mecanismo de registro histórico dos atos e comunicações dos perfis e páginas do site Facebook, demonstra que, no início, o trabalho de comunicação dos participantes se utilizava de panfletos colados nos muros da cidade e cartazes que os mesmos levavam em metrô e áreas de grande concentração urbana.

Percebe-se também que o movimento já nasce maior do que a cidade de São Paulo, uma vez que são frequentemente citadas as cidades de Porto Alegre, Vitória, Florianópolis, servindo de exemplo de “vitória” aos paulistanos e conclamando-os a ação política nas ruas. A partir daí a narrativa dos manifestos, na medida em que se avolumam o número de comentários, também se avolumam as fotografias dos atos de violência da polícia, sendo a página alimentada praticamente a cada minuto nos dias de manifestos.

Em suma, vimos um movimento que iniciou se comunicando com movimentos de bairros, com encontros em universidades em uma interação para além das redes sociais virtuais. O resultado dessa interação e ampliação nas redes sociais em ambiente físico consolidou os textos escritos e emanados via Internet, tornando-os legitimados.

Bazerman (2011, p. 22) afirma que “cada texto bem sucedido cria para seus leitores um fato social. (...) Fatos sociais são coisas que as pessoas acreditam que sejam verdadeiras e, assim, afetam o modo como elas definem uma situação.” Assim, baseado em John Austin, Bazerman (2011, p. 26) afirma que as palavras produzem atos, mas para que as palavras produzam atos, elas devem ser ditas em determinado contexto, pela pessoa certa, ou seja, pela pessoa que é legítima comunicadora.

De forma semelhante, podemos retornar aos critérios de construção textual de sentido de Beaugrande & Dressler (1981) como a situacionalidade, que se refere “ao conjunto de fatores que tornam um texto relevante para situação comunicativa”. De forma que verificamos o surgimento de notas esclarecedoras, à medida que os protestos ganham notoriedade na mídia de massa.

Koch (2009, p. 146) afirma que “ao construir um texto, o produtor reconstrói o mundo de acordo com seu modo de ver o mundo”. De forma que o texto produzido exercerá reflexos na situação comunicativa. No corpus da pesquisa, verificamos que as notas de esclarecimento modificam a qualificação veiculada para os manifestantes que de “vândalos” passam a vítimas de uma polícia militar agressiva e opressora.

Conforme podemos constatar:

A truculência da PM é um fato conhecido até mesmo pela imprensa, que diversas vezes tem seus cinegrafistas e repórteres vítimas dessa violência. As depredações só se iniciaram depois de um segundo momento de repressão brutal e prisões, realizadas na região da Avenida Paulista. O Movimento Passe Livre não incentiva a violência em momento algum de suas manifestações, mas é impossível controlar a frustração e a revolta de milhares de pessoas com o poder público e com a violência da Polícia Militar. (Nota No. 01 – Sobre a Manifestação de 06.06 – Facebook de 10 de junho de 2013)

Seguem-se a esta postagem uma sequência de outras de caráter elucidativo e informativo aos participantes sobre o posicionamento da polícia e do governo, contribuindo para uma produção de sentido de união, ao mesmo tempo em que chama as pessoas que ainda não haviam participado dos atos (manifestações).

O movimento irá utilizar de frases de efeito, como por exemplo: “Se a tarifa não baixar, São Paulo vai parar!” ou “R\$ 3,20 é roubo Contra o aumento das passagens”. O interessante é que o início de todas as comunicações do MPL faz menção a outras capitais que conseguiram o aumento, sendo sempre referenciadas nos primeiros textos publicados.

Entretanto, note-se que temos como situação de comunicação um ambiente de organização altamente horizontal e um movimento sem uma única liderança, motivo pelo qual o papel do *weblog* como gênero textual, assegurando a veracidade de participação na movimentação é fundamental para a mobilização dos outros cidadãos.

Assim, o *weblog* serve de referência aos sujeitos interessados na participação na manifestação. Contudo, esta referência se dá na medida em que os recebedores dos textos vêem a continuidade dos atos, mesmo perante a repressão da polícia, como quando há as seguintes postagens:

Cerca de 2mil pessoas tomaram a marginal pinheiros em protesto contra o aumento de tarifa, a policia jogou bombas de gás mas a manifestação segue ocupando todas as faixas da via local.

A policia esta jogando bombas de gás na manifestação, a população sofre com o efeito do lacrimogêneo na estação pinheiros. A manifestação continua fechando a marginal pinheiros.

Assim, o Movimento Passe Livre mantém uma construção textual que evoca sempre uma coerência de sentido, para isso eles se utilizam até mesmo de seguidas repetições e exemplos.

Dessa forma, partem de um sentimento de injustiça, superando o medo da possível violência coercitiva do Estado, recuperando a esperança para ação social de mudança, conforme a cadeia de emoções que Castells (2012) viu em seus estudos dos movimentos

sociais evocados pelas redes sociais na Tunísia, Islândia, Espanha e Egito, só para citar alguns países estudados.

Considerações Finais

Neste trabalho, vimos a importância da utilização de ferramentas de comunicação com o fim de promover mobilização social, através da utilização de gêneros textuais emergentes como aditivos aos gêneros textuais tradicionais.

Verificamos a utilização dos gêneros textuais emergentes propostos por Marcuschi (2010) nos sites de redes sociais virtuais, observando que há necessidade de maiores estudos sobre o tema, uma vez que o mesmo é bastante atual e em virtude, das mudanças frequentes nas tecnologias modifica-se o caráter de utilização destes gêneros.

Consideramos que, associados a necessidade de fluidez de informações, multimodalidade e interatividade, no caso dos movimentos sociais nas redes sociais virtuais, o gênero *weblog* terá importância de legitimar o movimento, uma vez que por estarem envolvidos em lutas sociais e políticas, relacionadas a questões de poder, muitas serão as estratégias utilizadas por governo ou instituições contrárias às manifestações para modificar os significados desta.

Verificou-se, entretanto que o sentido empregado nos textos do *weblog* só ganhará adesão e importância se mantido um aspecto de coerência, tomada por nós como uma construção “situada” dos interlocutores (Koch, 2009, p. 47).

Sobre este aspecto e por se tratar de fenômeno absolutamente novo no Brasil, nós pesquisadores das ciências sociais, com foco na comunicação social, devemos recolher mais amostras de pesquisa e observar mais.

Entretanto, surge em nossa compreensão o fato dos gêneros textuais emergentes serem melhores estudados com vistas a estas novas relações de poder que os mesmos trazem em seu bojo, em contrapartida aos gêneros textuais tradicionais. Para isso, precisamos continuar estudando as novas proposições de ordem social que essas movimentações ensejam em todo o mundo, pois nas palavras de Miller (2012, p. 51): “não podemos entender completamente os gêneros sem uma compreensão mais profunda do sistema coletivo que constituem, sem explorar mais detidamente a natureza da coletividade”.

REFERÊNCIAS

- BAKHTIN, M. M. **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. 12ª. ed. São Paulo: Hucitec, 2006.
- BAZERMAN, C. **Gêneros textuais, tipificação e interação**. 4a. Edição. ed. São Paulo: Cortez, 2011.
- CASTELLS, M. **Redes de indignación y esperanza**. Madrid: Alianza Editorial, 2012.
- COSTA VAL, Maria da Graça. **Redação e Textualidade**. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006.
- FACEBOOK. **Ajuda**. Disponível em: <<http://www.facebook.com.br>> Acesso em 22 jun. 2013.
- FACEBOOK. **Passage Livre São Paulo (Página de Organização Política)**. Disponível em: <<http://www.facebook.com.br>> Acesso em 23 jun. 2013.
- KOCH, I. G. V. **Introdução à linguística textual**. 2a. edição. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2009.
- GOOGLE TRENDS. Disponível em < <http://www.google.com.br/trends/>> Acesso em 21 jun. 2013.
- MARCUSCHI, L. A. Gêneros textuais emergentes no contexto da tecnologia digital. In: MARCUSCHI, L. A.; XAVIER, A. C. **Hipertexto e gêneros digitais: novas formas de construção de sentido**. 3a Edição. ed. São Paulo: Cortez, 2010. p. 15-80.
- MILLER, C. R. **Gênero textual, agência e tecnologia: estudos**. São Paulo: Parábola Editorial, 2012.
- RECUERO, R. **Redes sociais na internet**. Porto Alegre: Sulina, 2009.
- SANTAELLA, L. A relevância das comunidades virtuais na cultura organizacional. In: MARCHIORI, M. **Faces da cultura e da comunicação organizacional**. São Caetano do Sul: Difusão, v. 2, 2010. p. 167-182.
- SANTAELLA, L. **Redes Sociais Digitais: a cognição conectiva do Twitter**. São Paulo: Paulus, 2010.